

VERÔNICA VIEIRA SANTOS

A Geograficidade Política de Mafalda:

**A análise dos quadrinhos da Mafalda a partir de algumas questões de
caráter geográfico-político e sua perspectiva educacional**

São Paulo

2009

VERÔNICA VIEIRA SANTOS

A Geograficidade Política de Mafalda:

A análise dos quadrinhos da Mafalda a partir de algumas questões de caráter geográfico-político e sua perspectiva educacional

Monografia apresentada, como pré-requisito de conclusão do curso de Geografia, ao Curso de Geografia, da Faculdade de Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, orientada pela Professora Dra. Márcia Maria Cabreira Monteiro de Souza.

São Paulo

2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, em especial aos meus pais, que lutaram muito para que eu tivesse uma base educacional sólida e consistente, incentivando-me a seguir o caminho que eu acreditasse ser o melhor, sem pressões e julgamentos.

Ao meu irmão de coração que com certeza me acompanhou de algum lugar especial.

À minha querida professora de geografia do Ensino Médio, Marisa Salomão, grande responsável pela minha opção pela geografia.

Aos professores que trilharam comigo esses três anos de uma intensa vida universitária, repleta de dúvidas, questionamentos, reflexões e muita produção de conhecimento.

Aos meus amigos, verdadeiros amigos, que nas conversas de corredor, nas festas, nas viagens, nos e-mails, nos trabalhos construídos juntos, foram juntos aos os professores, os grandes responsáveis pela Geografia que construí e que continuarei construindo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por estar finalizando mais uma etapa da minha vida, abrindo portas para outras oportunidades, vivências e aprendizados.

Aos amigos, professores e a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho fosse construído e que acreditaram na idéia e em sua conclusão. Assim como agradeço a todos que de alguma forma estiveram comigo nesse início de jornada acadêmica.

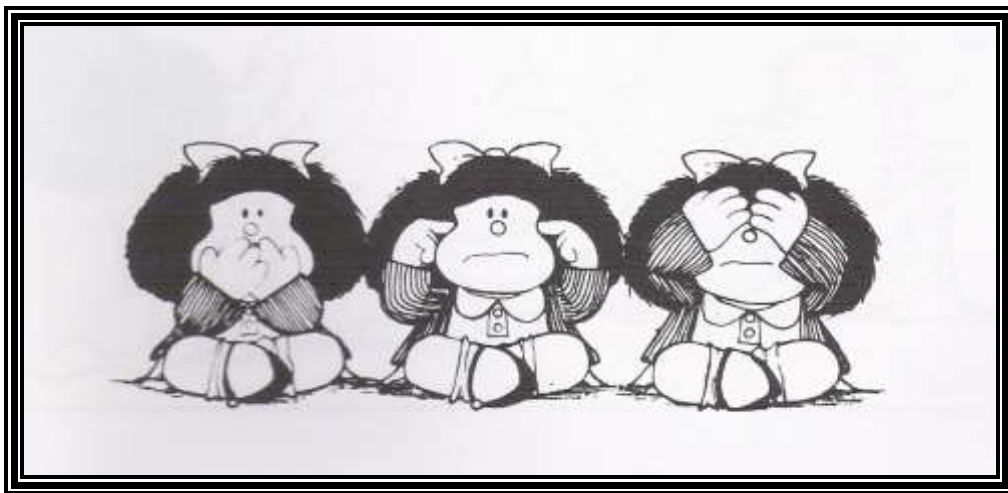
A todos: muito, muito, muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho procura analisar a Mafalda como produtora de uma geograficidade política, partindo da Geografia Política e da Geopolítica presente em seu discurso. Através da exposição de alguns quadrinhos, propõe-se realizar esta análise por meio de questões propriamente vinculadas à leitura que a mesma faz de sua realidade, seu espaço-tempo, e das que ainda se fazem presente na atualidade. Da mesma forma, discute-se as concepções e o propósito da geografia escolar por meio da análise pedagógica de Mafalda.

ABSTRACT

The present work looks for to analyze the Mafalda as producing of a geography politics, leaving of Geography Politics and present Geopolitics in her speech. Through the exposition of some article, it is considered to carry through this analysis by means of questions properly tied with the reading that the same one makes of its reality, its space-time, and of that still they become gift in the present time. In the same way, one argues the conceptions and the intention of pertaining to school geography by means of the pedagogical analysis of Mafalda's.



(Quino. Toda Mafalda, 2008: 411)

“eu penso onde estou, logo eu sou onde penso”

(DOSSE, 1993 apud Moreira, 1999)

A arte, a arte autêntica é simples. Mas a simplicidade exige o máximo de arte.

(Lotte, apud LUCCHETTI, :35)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
O Primeiro Contato	9
A Geograficidade de Mafalda	9
1.0 MAFALDA E SUA ORIGEM	13
1.1 Um Breve Histórico	13
1.2 Mafalda e sua Turma	15
1.2.1 A Mafalda	15
1.2.2 A Família	15
1.2.3 Os Amigos	18
1.3 A Geografia Política e a Geopolítica como pressupostos no discurso da Mafalda	20
1.3.1 Ratzel, La Blache e Kjéllen	20
2.0 A ANÁLISE DOS QUADRINHOS	24
2.1 A Contemporaneidade: A Mafalda em seu contexto sócio-político	24
2.1.1 Guerra Fria	24
2.1.2 O Contexto	24
2.1.3 O Mundo Bipolar: o jogo ideológico	31
2.1.4 Vietnã	33
2.1.5 ONU	35
2.1.6 A lógica Estrutural	37
2.2 A Atualidade de Mafalda	38
2.2.1 A Organização social	38
2.2.2 Oriente Médio	44
2.2.3 O Mundo Doente	48
2.3 Para Finalizar	52
3.0 Por uma formação cidadã: A Geograficidade de Mafalda e o Ensino de Geografia	55
4.0 Considerações Finais	60
5.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

INTRODUÇÃO

O Primeiro Contato

Tive contato com as tiras de quadrinhos de Mafalda, uma menina inquietante e questionadora produzidas por Quino, nos meus primeiros anos na universidade, através de uma colega de curso que tem verdadeira paixão por ela.

Os primeiros contatos foram privados de um olhar mais apurado, ou seja, foi um olhar de curiosidade. Quando, em meu 2º ano na universidade iniciei um estágio na área de ensino de geografia, no qual tive a oportunidade de ministrar aulas para os alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, o meu contato com a Mafalda deixou de ser meramente curiosidade e uma leitura de passatempo. Nesse momento passou a ser um recurso didático na elaboração das aulas, como modo de facilitar a compreensão dos meus alunos sobre o tema tratado.

Esta “passagem” de objetividade da minha leitura sobre a Mafalda foi diretamente influenciada pelos livros didáticos que utilizava como orientação nas minhas aulas, sobretudo quando a abordagem da aula referia-se a assuntos de natureza geopolítica.

A geograficidade de Mafalda



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 370)

Os quadrinhos de Mafalda não podem ser encarados simplesmente como uma leitura de passatempo. Muito, além disso, possuem um propósito educativo, transmitindo mensagens críticas-reflexivas. Insere-se em um espaço-tempo, um

contexto geopolítico muito particular e, por esse motivo, possui uma denotação política muito marcante, cujo referencial é o período na qual Quino a escreve: a década de 1960.

As tiras, além de ter humor, foram criadas pelo autor para que os leitores pudessem fazer muito mais do que rir. Ele fez [e ainda faz] seu público pensar, refletir e por vezes, se indignar. Elas fazem críticas que vão muito além do momento histórico que a Argentina vivia. São indagações que alcançam pessoas do mundo inteiro, por se tratar de temas universais, e é aí que repousa a grande qualidade da obra.

(GALVÃO, sem data)¹

Apesar de ser escrita e refletir um período particular, muitas das questões que os quadrinhos expõem ainda são muito atuais, isto é, ainda podem ser analisados sob o contexto geopolítico atual. Questões como: o papel do Estado, as relações de poder, a situação do planeta Terra frente às ações humanas, entre outras, são muito pertinentes ao atual contexto. Essa, sem dúvida, é uma das características particulares dos quadrinhos da Mafalda, como bem caracteriza Galvão.

Partindo deste referencial, citarei MOREIRA a fim de justificar o porquê de partir de um referencial literário para realizar uma leitura geográfica de um espaço-tempo particular:

A literatura talvez seja a forma mais pura de apreensão da geograficidade. Nela a *trama da experiência do espaço-tempo* da geograficidade aparece na forma direta e imediata das significações, grafada no imaginário e na linguagem do personagem. (...) A geograficidade se revela na transfiguração da linguagem interno-externa do *espaço experienciado* (...) o espaço se revela como o estar-aí-do-homem. (...)

(MOREIRA, 2007: 158)

Compreendendo como geograficidade a leitura do homem-no-espaço, Mafalda produz uma geograficidade política, já que realiza a sua leitura do homem-no-espaço através de um viés político, isto é, muito mais do que compreender ou mesmo realizar uma leitura do homem-no-espaço ela realiza a leitura dos *homens-*

¹GALVÃO, Gabriela Hazin. Histórias em Quadrinhos: Análise das Histórias em Quadrinhos da Mafalda e sua Turma. Portal estudos de mídia. Sem Data.

socialmente-organizados-no-espaco (a sociedade e o Estado), dentro de um espaço-tempo particular, ou seja, do seu espaço-tempo, de seu espaço experienciado.²

É possível então, analisar a Mafalda como produtora de uma análise Geográfico Política, uma vez que através dela é possível compreender o contexto geopolítico de uma época, por meio do seu discurso, todos os seus questionamentos e posicionamentos, sua postura frente a questões que fazem parte de seu cotidiano, seja pela vivência ou pelas informações que chegam até ela sobretudo através da mídia, isto é, suas significações expostas através de seu imaginário e linguagem.

Posto isto, duas questões fazem-se necessárias serem esclarecidas. A primeira é compreender que, quando nos referimos à Mafalda estamos nos referindo a todo um pensamento, uma leitura, uma geograficidade, uma compreensão de mundo daquele que a pensou e produziu, isto é, do Quino.

A segunda está relacionada ao que se entende por Geografia Política e Geopolítica, uma vez que considero que Mafalda é produtora de uma Geografia Política. Este trabalho configura-se, portanto, como uma leitura interpretativa dos quadrinhos da Mafalda.

Assim, em um primeiro momento vamos fazer uma exposição sobre a criação da Mafalda: quando e por que Quino cria a Mafalda; quem são os personagens que fazem parte de suas vivências, suas relações. Este compõe o primeiro capítulo deste trabalho, que também será composto pelo que foi exposto no parágrafo anterior, ou seja, a trajetória da Geografia Política e da Geopolítica dentro da ciência geográfica.

No segundo capítulo está a análise dos quadrinhos que foram escolhidos para expressar a geograficidade de Mafalda, em uma análise conjunta do seu discurso e produções científicas sobre os assuntos abordados.

No terceiro e último capítulo procura-se realizar uma análise da Mafalda dentro do contexto escolar e, mais precisamente, dentro do contexto da geografia

² Lembrando que a Mafalda é a representação de uma leitura que Quino, seu criador, faz do seu espaço vivido e experienciado. Assim, ela também é uma geograficidade: a representação da leitura do espaço-tempo de Quino.

escolar: uma contribuição como uma realidade e possibilidade de uma educação cidadã, seja ela em si ou como um recurso didático.

1.0 Mafalda e sua Origem

1.1 Um breve histórico

Mafalda nasce de uma forma inusitada. Em 1963 Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, um importante desenhista e humorista argentino, é convidado, através de seu amigo Miguel Brascó, também desenhista de humor, escritor e jornalista, por uma agência de publicidade, a criar uma tira cômica que serviria de publicidade para uma empresa de eletrodomésticos. Brascó relatou o nascimento de Mafalda da seguinte forma:

“Quino confidenciara-me o seu desejo de desenhar tiras com crianças. Um dia me chamaram a uma agência de publicidade, a Agens, e me pediram que arranjasse um desenhista capaz de criar uma tira cômica para inserir como publicidade oculta num jornal diário, para promoção de uma nova linha de eletrodomésticos produzidos por Siam Di Tella e que deveriam sair para o mercado com o nome de Mansfield.”.³

A proposta era que Quino criasse uma família de classe média em que os nomes dos membros desta família iniciassem com a letra *M* (*Mansfield*). Nasce então *Mafalda*, filha única de um casal de classe média e que Quino caracterizou como *enfant terrible*. Porém, o plano de campanha é recusado pelos donos da empresa e Quino arquiva as poucas tiras criadas.

Em 29 de setembro de 1964 Mafalda estréia oficialmente como tira jornalística no “*Primeira Plana*”, um importante semanário argentino da época. Sua publicação dura até 1965, quando Quino, após romper relações com o jornal devido à política de propriedade sobre as tiras, é convidado a publicar Mafalda num dos diários mais lidos da Argentina: *El Mundo*, publicação que dura até 1967. A partir de sua publicação no *El Mundo*, Mafalda ganha prestígio nacional e internacional. Vários outros jornais de outras cidades passam a reproduzir as tiras, livros com uma coletânea de tiras são publicados, e Mafalda é traduzida para vários idiomas, sobretudo europeus. Até uma versão em desenho animado Mafalda ganha. A repercussão internacional de Mafalda é tão expressiva que, em 1977 a UNICEF

³ QUINO, 1990

pede a Quino que ilustre a “Declaração dos Direitos da Criança” através de comentários da Mafalda e sua turma.

Quino encerra oficialmente a produção das tiras de Mafalda em 1973, somente abrindo exceção para o pedido da UNICEF: *“Deixei de fazê-la... e, de fato, estou mais confortável. Mais livre. (...) estava começando a me repetir. Achei mais honesto, mais sincero deixar de fazê-la”*. Quino percebeu, então, que Mafalda já havia cumprido sua missão.

Analisando um pouco da trajetória de Quino e a produção de Mafalda, é inegável a sabedoria deste desenhista-humorista em trabalhar duas forças que constantemente lhe pressionava quanto à “função” da Mafalda: as exigências da Indústria Cultural (função mercadológica) e a sua própria “vontade” (função social: crítica). Com bem retrata GOTTLIEB, Quino soube abordar questões como

o preconceito contra as HQ; o medo à liberdade, de que foge o homem contemporâneo, consumista; a questão feminina; o duplo jogo que faz nas famílias. Embora não apresente soluções práticas [somente em nível de sonhos e fantasias] ele trabalha com o presente, com o momento, usando a criança para se manifestar. Percebe que se houver alguma saída talvez só aconteça através das crianças, mas vai até aí: a denúncia e o resgate da espontaneidade e da franqueza/verdade através das crianças.

(GOTTLIEB,1996:181)

Utilizar a criança para se manifestar frente às situações do mundo e as situações que ocorrem no mundo que lhe intriga/incomoda, isto é, construir uma/sua geograficidade é outra das grandes características deste desenhista, justamente pelo caráter da espontaneidade e franqueza que as crianças possuem, remetendo à veracidade daquilo que está querendo transmitir ao público.

1.2 Mafalda e sua turma

1.2.1 A Mafalda



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 154)

Mafalda é uma menina de aproximadamente 6 ou 7 anos. Adora ir para a escola e estar com seus amigos. Ama os Beatles e o desenho do Pica-Pau. Frequentemente lê jornais e revistas em quadrinhos e escuta os noticiários, seja via rádio ou televisão. Às vezes comporta-se como uma menina de sua idade, porém sua postura, seus comportamentos e seus comentários de caráter crítico em relação à sua vida e ao mundo em que vive torna-a incomum perante outras crianças de sua idade (o fato de acompanhar os noticiários expressa essa sua característica). Estes seus comentários demonstram muitas vezes seu pessimismo em relação à sociedade, sobretudo ao Estado, e o futuro humanidade, mas às vezes mostra-se esperançosa diante da possibilidade de mudança do ou no comportamento dos homens.

1.2.2 A Família



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 323)

A Família de Mafalda é composta por sua Mãe Raquel, seu pai Tomás e seu irmão Guille. É uma típica família de classe média da Argentina deste período.

Raquel é uma dona de casa que não concluiu seus estudos. Vive em função de arrumar a casa, fazer compras (onde expressa suas insatisfações em relação aos preços dos produtos), fazer comida, cuidar da Mafalda e do Guille. Mafalda sempre entra em conflito com sua mãe principalmente pelo fato dela não ter concluído seus estudos. Em muitos quadrinhos expõe sua indignação em relação à vida medíocre que ela acha que sua mãe leva, pois sua única preocupação são as obrigações domésticas e seus cremes de beleza. Outro fator de conflito entre a Mafalda e sua mãe é a sopa. Mafalda odeia sopa e sua mãe frequentemente obriga-a a comer.⁴

Tomás é um trabalhador de uma companhia de seguros, sempre insatisfeito com sua vida profissional, com seu salário e com sua idade. Adora cultivar plantas e, assim como Raquel, sempre se surpreende e entra em crise com as perguntas e comentários da Mafalda (que quase sempre não responde).

Guille, irmão de Mafalda, entra na história quatro anos depois dela começar a ser escrita. É uma criança muito esperta, que sabe como conquistar as coisas que quer a partir das fragilidades de seus pais e que já começa a perceber o mundo que o cerca, sobretudo as relações familiares, pegando até a Mafalda de surpresa com seus comentários.

Faz parte também de sua vida familiar sua tartaruga, que carinhosamente deu o nome de *burocracia*.⁵

⁴ A sopa, segundo BARBA (2009), é uma metáfora usada por Quino para expressar sua aversão à ditadura: “Mafalda odeia sopa. Todos os (muitos) dias em que sua mãe insiste em lhe servir a iguaria, a menina faz questão de mostrar descontentamento. Esse foi um dos motivos que Quino encontrou para manifestar seu desgosto em relação à ditadura. A sopa, segundo o cartunista, era ‘uma metáfora ao autoritarismo militar’, assunto que não permitia abordagens muito diretas.” (BARBA, 2009), o quadrinho abaixo é um dos muitos que Mafalda expressa sua aversão à sopa:

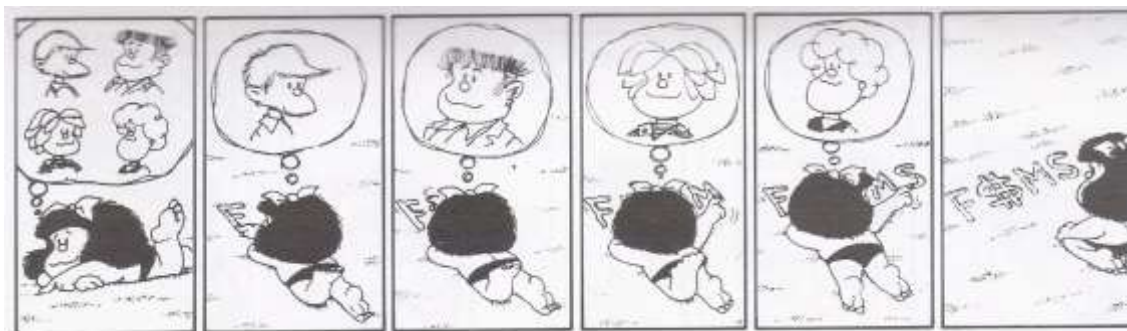


(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 45)

Neste quadrinho pode-se ainda verificar a comparação que Mafalda faz em relação ao comunismo: ela coloca no mesmo patamar a imposição de comer sopa feita por sua mãe ao processo de imposição do regime comunista a muitos países durante a disputa por áreas de influências entre EUA e a URSS durante a Guerra Fria e, em especial na América Latina, a imposição dos regimes militares com apoio estadunidense para evitar a possível tomada de poder pelos comunistas, propagando a garantia da democracia. Acaba sendo então uma metáfora dúbia, pois o regime militar é a negação de qualquer processo democrático.

⁵ Dar o nome de *burocracia* à tartaruga expressa outra análise que Mafalda faz do contexto político que vive. A sociedade moderna é caracterizada por “um complexo organizacional diversificado, mas logicamente articulado” (MOTTA, 1982:108), portanto, uma sociedade burocrática. O sistema de controle intrínseco a qualquer tipo de sociedade burocrática exige processos gerenciais e administrativo que dêem conta do controle de cada

1.2.3 Os Amigos



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 277)



(Idem: 278)

A primeira tira expõe os amigos da Mafalda, que estão sempre presentes em sua vida. Suas atividades preferidas são jogar xadrez e brincar de polícia e ladrão, outra expressão da forma que veem o espaço-tempo em que vivem: o mundo vivendo a disputa entre duas superpotências pela hegemonia econômica, social e cultural, disputando áreas de influências e difundindo a ideologia do *bom* e justo (polícia) e do *mal* (bandido – rival).

No segundo quadrinho está *Felipe*, um menino sonhador que ama o Cavaleiro Solitário (personagem). Felipe é um garotinho que trava batalhas constantes com sua consciência, sendo um dos motivos principais dessa batalha o fato de odiar a escola. Demonstra também um senso nato de responsabilidade.

No terceiro quadrinho está *Manolito*, filho de comerciante, ajuda seu pai em seu armazém. Sempre incorpora o espírito empreendedor, fazendo constantemente a propaganda do “Armazén Don Manolo”, mercearia do seu pai, vivendo sempre

organização (família, escola, empresa, etc.) e de sua funcionalidade, e de todas estas dentro da hierarquia social estabelecida. É nestes processos gerenciais e administrativo que cabe a comparação que Mafalda. Quanto mais complexa torna-se as organizações e estas no conjunto social, mais complexos tornam-se os processos de controle, tornando todo o regime social, seus processos, ações, decisões e resultados mais lentos e demorados. A tartaruga e toda a sua morosidade representaria, então, essa morosidade dos processos burocráticos.

preocupado com os negócios e com dinheiro (Mafalda expressa sua lembrança dele na forma de um cifrão (\$)). Sonha em ser um executivo, porém só tira notas ruins na escola, exceto em matemática (devido ao seu trabalho no armazém). Morre de medo das surras que leva de seu pai. Ao contrário de seus amigos (principalmente a Mafalda), odeia os Beatles.

No quarto quadrinho está *Miguelito*, o mais novo da turma. É filho único, de personalidade também única e que sempre surpreende seus amigos com seus comentários.

No quinto quadrinho está *Susanita*. Uma garotinha fútil, egoísta e fofqueira. Sua única preocupação é ser uma dona de casa, arranjar um marido rico e bonito, ter filhos e uma vida estabilizada. Sempre entra em conflito com Manolito e frequentemente apanha da Mafalda devido aos seus comentários fúteis, uma vez que Mafalda odeia essa sua superficialidade.

A segunda tira apresenta a *Liberdade*, uma menininha (literalmente) que odeia comentários óbvios sobre seu tamanho e seu nome. Gosta de uma vida simples e das coisas simples da vida. Seus pais são jovens e caracteristicamente diferentes dos de seus novos amigos: são idealistas.

1.3 A Geografia Política e a Geopolítica como pressupostos no discurso da Mafalda

Antes de prosseguir, especificando de que forma Mafalda produz uma Geografia Política, é necessário antes especificarmos o que se entende por Geografia Política e Geopolítica, compreendendo-as como duas áreas do conhecimento (apesar da segunda ser um subproduto da primeira), realizando um resgate do surgimento destas e o que diferencia ambas.

1.3.1 Ratzel, La Blache e Kjellén

É unanimidade considerar que o “pai” da Geografia Política é Friedrich Ratzel, com a obra *Geografia Política* de 1897. Todos os demais pensadores desta ciência desenvolvem suas teorias a partir desta obra de Ratzel, entre eles destaca-se Paul Vidal de La Blache. Na Geopolítica destaca-se Rudolf Kjellén. COSTA (1992) entre outros estudiosos da Geografia Política deixa claro a relação direta da influência do contexto histórico-político-espacial na formulação das bases teóricas destas duas áreas do conhecimento.

Ratzel parte do pressuposto que o Estado é um “organismo territorial”, uma forma de vida natural que segue o mesmo regimento (leis) que “regem os seres vivos na terra, isto é, nascer, avançar, recuar, ..., etc. (...) a sua idéia do Estado como *organismo* está baseada antes de tudo nesse seu caráter de agente *articulador* entre o povo e o solo” (COSTA, 1992: 33-34). O Estado, segundo Ratzel, deve ser forte e estar “por cima” da sociedade, um organismo centralizador a partir de uma unidade territorial que una os habitantes, o solo e o Estado. Cabe então à Geografia Política a análise ou o estudo comparativo das relações que empreendem o Estado e o solo (HAESBAERT, 2002).

Ratzel era um intelectual que estava preocupado com os destinos da Alemanha. Enquanto seus vizinhos tinham se consolidado como Estados-Nação unificados, já em processo de expansão territorial para além-mar, a Alemanha encontrava-se, tanto sob aspecto social como em sua organização político-territorial, fragmentada, atrasada politicamente e “inferior” perante aos vizinhos. Esta situação política por qual passava a Alemanha, somada à preocupação de Ratzel – compartilhada por muitos outros intelectuais alemães – muito o influenciou no

desenvolvimento de bases (teorias científicas) que colocasse condições para que o processo de unificação fosse concluído, com a formação de um Estado Alemão único, forte e soberano.

Vidal de La Blache, segundo HAESBAERT (2002) não contraria Ratzel, como é posto por Febvre ou Vallaux, em que colocam Ratzel como “determinista” e La Blache como “possibilista”. La Blache, segundo este autor, somente amplia o objeto central de estudo da Geografia Política, tirando o Estado como o foco principal de análise e colocando a sociedade, a humanidade ou mesmo os grupos humanos (inclusive o Estado), o meio, a natureza:

A geografia política constitui, em sentido estrito, um desenvolvimento especial da geografia humana. (...) nas aplicações da geografia do homem, trata-se sempre do homem por sociedades ou por grupos, de modo que se pode crer autorizado a dar ao nome de geografia política um sentido mais amplo, e estendê-lo ao conjunto da geografia humana.

(...) Assim, grande questão se torna, de forma genérica, os vínculos entre o homem e o meio, a sociedade e a natureza, e não, de forma mais específica, entre o Estado e o espaço, como defendia Ratzel.

(LA BLACHE, 1898:98 in: HAESBAERT, 2002)

Rudolf Kjéllen foi o primeiro a empregar o termo “Geopolítica”, definindo-a como “a ciência que estuda o Estado como organismo geográfico” (Kjéllen in VESENTINI, 2000), isto é, a ciência que estuda o Estado como um elemento que atua geograficamente no espaço e a dimensão espacial dessa atuação. (VESENTINI, 2000)

A geopolítica clássica defendia a importância estratégica de determinados territórios, a necessidade de expansão territorial ou controle dos espaços como forma de fortalecimento do Estado e de adquirir hegemonia, a partir da compreensão do “equilíbrio de forças no espaço mundial e as condições que um determinado Estado pode se tornar uma grande potência.” (VESENTINI, 2000). Assim, os considerados grandes teóricos da geopolítica, muitos deles não sendo geógrafos esforçaram-se em fazer o levantamento e a legitimação científica dos elementos que poderiam caracterizar um determinado território como uma grande influência nas relações internacionais, isto é, como uma potência. Assim foi com Mahan e o poderio naval, cuja defesa se

pautava no domínio das rotas marítimas como a chave para a defesa territorial e a expansão deste; com Mackinder, ao contrário de Mahan, defendia que não era o poder naval que caracterizava e legitimava o poder do Estado sobre os demais, mas sim o poder terrestre, chegando a levantar conceitos e hierarquizando os espaços terrestres conforme o valor intrínseco e permanente para o poderio mundial; e Haushofer que ampliou as idéias e bases teóricas de Mackinder para legitimar a necessidade da expansão do território germânico, dividindo o mundo em áreas ou zonas de influência.

Após a 2ª Guerra Mundial a geopolítica entra em crise, segundo Vesentini. Somente após a década de 1970 que as discussões nesta área do conhecimento geográfico voltam a fazer parte dos debates acadêmicos:

A partir de meados da década de 1970, todavia, a geopolítica volta à ordem do dia, só que agora renovada: não mais idéias pragmáticas sobre o poder marítimo *versus* o poder terrestre, ou sobre a *heartland*, ou mesmo sobre as condições para um determinado estado tornar-se potência mundial (algo que parecia “já resolvido” naquele período das duas superpotências), e sim teorias a respeito do embate entre capitalismo e socialismo, da guerra fria e a sua lógica, das perspectivas de uma terceira guerra mundial.

(VESENTINI, 2000: 25 – grifo do autor)

Após este breve histórico destas áreas do conhecimento, cabe destacar agora que a distinção entre as duas nunca esteve tão clara. Muitos teóricos as colocam em um mesmo patamar de análise, confundindo-as. Porém elas são distintas. COSTA esclarece da seguinte forma a diferença entre elas:

... cabe à geografia política a tarefa nada trivial, dentre outras, de examinar e interpretar os modos de exercício do poder estatal na gestão dos *negócios territoriais* e a própria dimensão territorial das fontes e das manifestações do poder em geral. (...) Parte da tradição (...) identifica como geografia política o conjunto de estudos sistemáticos mais afeitos à geografia e restritos às relações entre o espaço e o Estado, questões relacionados à posição, situação, características das fronteiras, etc., enquanto à geopolítica caberia a formulação das teorias e projetos de ação voltados às relações de poder entre os Estados e às estratégias de caráter geral para os territórios nacionais e estrangeiros.

Vesentini esclarece a diferença da seguinte forma: à Geopolítica Clássica, sobretudo, cabe a legitimação de discursos, ideologias e ações espaciais dos que têm o poder e o controle (político, econômico, social e cultural) mundial; é estabelecer bases para que “seu” Estado se fortalecesse no cenário internacional. À Geografia Política cabe a construção de conhecimentos geográficos e/ou científicos sobre a dimensão espacial da política. Segundo este autor, muitos geógrafos no passado e no presente, entre eles Lacoste e Claval, viam a geopolítica como a aplicabilidade da geografia política.

Para a viabilidade deste trabalho, consideremos então, que por Geografia Política entende-se a leitura/análise da estrutura e modelo de ação dos poderes (em geral, inclusive o poder estatal) em um território, entendendo este como um espaço organizado socialmente por uma determinada sociedade, cuja identidade comum que se estabelece em um determinado espaço/local, organização esta encabeçada por relações de poder⁶. Geopolítica seria então as ações práticas dessas leituras/análise em favor da prática do poder, de sua reprodução e manifestação pelos atores que encabeçam as relações de poder.

A Mafalda produz uma geograficidade de um espaço-tempo, cuja experiência/vivência está atrelada a uma sociedade em transformação, onde a organização está vinculada às redefinições de disputas de poder, como em um jogo geopolítico de definições de poder em escala global.

⁶ Segundo COSTA (1992: 27), “*toda sociedade que delimita um espaço de vivência e produção, delimita ao mesmo tempo um espaço político, uma dada projeção territorializada das suas relações econômicas, sociais, culturais e políticas.*”.

2.0 A análise dos quadrinhos

2.1 A Contemporaneidade: a Mafalda em seu contexto sócio-político

2.1.1 Guerra Fria

2.1.2 O Contexto

O marco do sistema internacional no período considerado foi, portanto, a bipolaridade. Foi o determinante da estrutura, o que imprimiu os padrões básicos de relação entre os Estados.

(HEIN, sem data)⁷

... a história deste período foi reunida sob um padrão único pela situação internacional peculiar que o dominou até a queda da URSS: o constante confronto das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial na chamada “Guerra Fria”.

(HOBSBAWN, 2005)

Talvez tenha sido esse período, da Guerra Fria, o de mais intensa aplicação da doutrina geopolítica.

(SILVA, 2003)

O mundo no período pós II Guerra Mundial (1945-1985), em seu sentido (re)definição territorial de áreas de influência, encontra-se disputado por duas grandes forças políticas e econômicas antagônicas: o capitalismo e o socialismo, cada qual encabeçadas por duas super potências: os EUA e a URSS. COSTA (1992) ao citar Gottmann esclarece: “Gottmann reconhece a existência de suas superpotências, sendo uma (os EUA) pela sua força política e outra (URSS) pela sua vastidão de domínio territorial.” (p. 233).

⁷ HEIN, Leslie Lothar. *Guerra Fria: conceitos e problemas*. Texto que compõe a série “Grandes Pensadores” do Núcleo de Estudos Contemporâneos do Departamento de História da Universidade federal Fluminense (UFF). Sem data. Disponível em: www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/text10.pdf. Acesso em 08/2009

HOBBSAWN (2005) caracteriza este período como a 3ª Guerra Mundial do século XX. Uma Guerra peculiar, pois com base em Hobbes, considera que uma guerra não se caracteriza pela luta, mas também pela vontade de lutar. Com base nisso, HEIN (sem data) expõe em seis pontos as principais características que caracterizam este período:

1) estabilizou o “equilíbrio de poder” internacional, deslocando as esferas de choque para a oposição entre os dois sistemas, conformando os conflitos e rivalidades da política mundial; 2) forjou um novo sistema internacional, cuja lógica articulou as relações entre as nações; 3) constitui-se num conflito ideológico que, propagando-se através da mídia, atingiu culturalmente a sociedade e sua conduta; 4) forçou uma corrida armamentista, que criou um complexo industrial militar continuamente produtivo, que tendeu a buscar mercados nos conflitos convencionais localizados do Terceiro Mundo; 5) conseqüentemente, serviu como elemento incentivador de tais conflitos; e 6) inaugurou a era nuclear e a possibilidade de destruição global da humanidade.

(HEIN, sem data)

segundo BIAGI (2001), durante muito tempo a historiografia da Guerra Fria discutiu esse contexto ora colocando a URSS como o construtor da lógica que figurou este período, ora dando aos EUA o título de grande construtor da Guerra Fria. Até a virada da década de 1960 e 1970, difundia-se todo um discurso que entendia a União Soviética como a grande culpada existência deste “conflito”, expondo esta como uma nação tirânica, antagônica e expansionista, discurso esse propagado pelos ocidentais anticomunistas. Após este período, as discussões passaram a figurar os EUA como os grandes culpados pela Guerra Fria, uma vez que a URSS, destruída pela 2ª Guerra Mundial, não tinha forças, sobretudo econômica, para tentar expandir o comunismo pelo mundo e ainda contava com uma população pouco comprometida com o regime (HOBBSAWN, 2005). Os norte-americanos difundiriam este discurso, segundo alguns estudiosos, para legitimar sua política externa agressiva e intervencionista, a fim de manter o *status quo* do sistema capitalista. Criar um inimigo direto e concreto era então necessário.

Ainda segundo este autor, a verdadeira lógica da Guerra Fria se construiu desde a 1ª Guerra Mundial, passando pelo período entre-guerras, culminando na 2ª Guerra Mundial. Toda a política destes três períodos convergiu para a construção de

um mundo bipolar, em que as duas potências passariam a criar políticas de consolidação de suas “áreas de influência” a fim de manter sua segurança e domínio. Isso não impedia que uma agisse (ou tentasse agir) na “área de influência” da outra. Essas ações ocorriam basicamente devido a problemas internos ou a questões estratégicas – como no caso do Oriente Médio, onde o pivô era o petróleo. (BIAGI, 2001: 69,70).

Partindo desta realidade (da sua realidade), Mafalda torna-se um personagem que expõe de que forma a humanidade estava lidando com essa disputa de poder, ou muito mais que isso, posiciona-se frente às situações e acontecimentos que ocorre e vivência:



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 91)

Comparar as categorias de boxe com a situação política internacional é uma metáfora muito bem explorada por Mafalda: o boxe é uma luta entre duas pessoas em situação de “igual” poder físico onde quem ganha é aquele que possuiu a melhores estratégias de luta. Assim, a posição ou o peso dos países no jogo da política internacional equivale a uma categoria: “*Países pequenos e muito subdesenvolvidos são peso-mosca*”, isto é, são aqueles que não tinham importância para o jogo político internacional, ou seja, que não ofereciam perigo ou possibilidade de ser palco de uma disputa ideológica pelas duas potências. Países “*peso-galo ou meio leves*” “*como o nosso*” (Argentina; América Latina) após Revolução Cubana passou a fazer parte do jogo⁸. Considerar os EUA e a URSS (União Soviética) como

⁸ Em 1949 Cuba torna-se socialista, cortando relações diretas com os EUA e estabelecendo relações com a URSS, o que deixou os EUA temerosos, forçando-os a “olharem com mais atenção os reclames de ajuda econômica por parte dos países latino-americanos” (HEIN), postura essa que reafirmava a política norte-americana da “América para os Americanos”, ou seja, uma política de reafirmação do controle e influência direta por parte dos EUA.

“*pesos pesados... muito pesados*” representa o quão determinante esses dois países foram na condução das políticas internacionais.



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 221)



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 75)

O Kremlim seria a base das decisões político-militar e estrategista da URSS, assim como o Pentágono era (é) dos EUA. O questionamento da Mafalda para estudar o Kremlim, mesmo que a proposta de sua professora referir-se ao estudo de um objeto da geometria – o pentágono, retrata a necessidade de conhecer ou mesmo estudar os dois pólos de decisões de estratégias onde eram definidas as novas ações destas duas potências na condução da ordem bipolar. “*Para equilibrar*” expressa essa necessidade. Assim como a segunda tira expressa, que seriam justamente esses dois locais, mais a China⁹ e o James Bond – um dos símbolos culturais e ideológicos da Guerra Fria¹⁰ - como os responsáveis pelo medo proferido

⁹ A China tornava-se outro importante personagem neste contexto, principalmente por sua importância estratégica: população e dimensão territorial.

¹⁰ HOBBSBAWN: “A Guerra Fria que de fato tentou corresponder à sua retórica de luta pela supremacia ou aniquilação não era aquela em que decisões fundamentais eram tomadas pelos governos, mas a nebulosa disputa entre seus vários serviços secretos...James Bond de Ian Fleming e os heróis agrídoces de John le Carré – ambos tinham trabalhado nos serviços secretos

pelo clima hostil deste período. “Apagando” os quatro do planeta, a paz estaria estabelecida.



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 55)

Em um discurso proferido em Missouri (EUA) logo após a 2ª Guerra Mundial, o ex-chanceler britânico Winston Churchill, certificando a submissão britânica aos EUA, legitimou o discurso ideológico dos norte-americanos de que a URSS era uma nação expansionista, antagônica e tirânica e que a cortina de ferro era a expressão mais real deste “colosso” comunista. Assim afirma BIAGI, e complementa:

. A imagem em si era simples, mas poderosa: a “cortina” que estava cobrindo a Europa Oriental era de “ferro”, ou seja, algo “cobria” estes países de maneira “pesada”, tirando-lhes a liberdade. A partir dessa imagem foi construída uma idéia de que os países do Leste Europeu estavam totalmente presos e subjugados pelos soviéticos e pelo comunismo, idéia esta que se estenderia para todo o mundo no decorrer dos anos – o termo “cortina de ferro” ganharia popularidade, principalmente nos discursos proferidos por políticos anticomunistas.

(BIAGI, 2001: 72)

Dessa forma, neste quadrinho Mafalda expressa essa imagem configurada pela ideologia capitalista propagada aos países de influência direta dos EUA, como no caso da Argentina: o ocidente e o oriente, muito mais do que terminologias de

britânicos - , mantiveram uma firme superioridade , compensando assim o declínio de seu país no mundo do poder real” (2005: 226); A espionagem tornou-se essencial para as superpotências, assim como para demais países direta ou indiretamente envolvidos na Guerra Fria, pois multiplicavam em vários países focos de revolução socialista que desagradava tanto os EUA como a própria URSS, já que esses focos não estavam sob influência direta da União Soviética. Assim acrescenta BIAGI: “A espionagem, ao mesmo tempo que assustava, também fascinava o público - a mistura de medo com o fascínio pelo “lado negro” do poder sempre chamou a atenção do público de um modo geral. O cinema imortalizaria esta relação medo/fascínio através da construção de uma imagem heróica e misteriosa do espião, principalmente na figura do agente secreto inglês James Bond e de seu famoso código, 007. Entre muitas de suas aventuras, James Bond ‘lutou’ várias vezes para impedir uma Terceira Guerra Mundial.” (2001:86)

localização, expressa a própria divisão do mundo bipolar. A cortina de ferro – expressão física, real, do mundo bipolar separaria os países capitalistas: o ocidente, dos países socialistas: o oriente. Mafalda expõe sua indignação perante o fato de sua felicidade não ter atingido os povos do oriente, ou seja, a “*maldita cortina de ferro*” impedindo a comunicação entre ambos os povos.



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 180)

A sequência desta tira é muito interessante: se não lermos o último quadrinho, o segundo e terceiro parecerão que são reais, isto é, pareceria que as notícias que o radialista está emitindo estariam ocorrendo na realidade, porém percebe-se ao ler o quarto quadrinho que os dois anteriores são frutos da imaginação de Mafalda. É justamente essa imaginação que expressa o quão os fatos que estavam acontecendo incomoda Mafalda: seu irmão Guille está prestes a nascer e Mafalda não gostaria que ele nascesse no mundo recheado de conflitos diretos e indiretos. Sua imaginação brinca com as ações que possibilitariam ao mundo tempos de paz, uma vez que: a demolição do muro de Berlim simbolizaria o fim da Guerra Fria; A paz se estabeleceria entre árabes e israelenses; o regime ditatorial de Fidel Castro em Cuba chegaria ao fim; e acabaria a guerra do Vietnã. Sua expressão de felicidade no terceiro quadrinho expressa essa sensação. Porém, no último quadrinho vem seu desanimo, pois tem a consciência que não depende de sua vontade ou do simples fato de preservação da vida das pessoas (representado pelo nascimento de seu irmão) que conduzem as ações e decisões dos que comandam politicamente a sociedade.

2.1.3 O mundo bipolar: o jogo ideológico



(QUINO. Toda Mafalda, 2008:25)

Essa tira é genial para analisarmos de que forma Mafalda compreende as relações de poder estabelecidas no mundo bipolar: o jogo ideológico de disputa de áreas de influência do capitalismo e socialismo por suas correspondentes lideranças. Áreas estas representadas pelos países e suas respectivas populações que acabam sendo objetos de manipulação, onde são conduzidas a posições, ações e posturas definidas por estas lideranças, como na preparação de um sanduíche, onde o preparador monta-o, estabelecendo a ordem dos ingredientes conforme sua vontade. Assim, como uma analogia, as duas lideranças seriam os pães e as áreas os ingredientes. Manolito é agredido por Mafalda e chamado de imperialista porque quem tem o sanduíche em mãos devora-o!.

O imperialista é aquele que possui o poder, o controle político, econômico e cultural sobre uma grande porção territorial do planeta. Com esse controle em mãos, ele manipula os recursos que esses territórios lhes oferecem (recursos naturais e humanos), redefinindo as próprias territorialidades das áreas de domínio a fim de atender às suas necessidades e reproduzir seu status de poder, através do domínio cultural, isto é, da difusão de uma ideologia que legitime seu poder. Neste sentido a brincadeira de Quino ao colocar Manolito *comendo* um sanduíche, justamente após Mafalda expor sua indignação com o manejo que os jogos de poder entre os dois imperialistas da época faziam com os demais países que estavam sob sua órbita de influência e poder.



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 311)

A colocação que Mafalda faz ao Manolito expressa toda a lógica norte-americana de propagação do capitalismo. Como coloca HOBBSBAWN, não era do interesse de ambas as potências um confronto direto, muito menos aos EUA que tinham a prioridade de dar às suas empresas maiores mercados consumidores. Manolito entra em um conflito pessoal no desenrolar deste quadrinho. Por ser um capitalista nato, condena a proximidade dos EUA com a URSS, uma vez que esta propaga o oposto da ordem capitalista: a lógica mercadológica, o lucro, etc. Ofende-se com a colocação da Mafalda, porém entusiasma-se com a possibilidade de expansão dos negócios do seu pai.

2.1.4 Vietnã



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 208)

O Vietnã foi o reflexo mais concreto das características da Guerra Fria. Das consequências da colonização francesa e japonesa e a luta pela independência, em 1954 o território vietnamita, pela Conferência de Genebra, foi dividido em Vietnã do Norte sob governo comunista e Vietnã do Sul, sob domínio do Imperador Bao Daí, títere dos franceses. Não realizando as eleições presidenciais previstas pelo acordo em Genebra, o novo imperador do Vietnã do Sul Ngo Dinh Diem declarou independência. Essas ações foram oficialmente apoiadas pelo governo norte-americano, com dinheiro, armas e militares: com as ações da Frente de Libertação Nacional (FNL), grupo guerrilheiro de resistência à ditadura de Diem, inicia-se a chamada Guerra do Vietnã, com a intervenção direta dos EUA.

Os quadrinhos retratam a ação da própria guerra, isto é, as ofensivas militares entre os soldados e os guerrilheiros, esteticamente caracterizados nos quadrinhos. Várias podem ser as análises que esta seqüência nos remete: o fato de todo o desenrolar dos quadrinhos se referir a um sonho da Mafalda. O sonho nos remete a algo irreal, ou impossível de ser realizado: ela andando pelo planeta, sobre

o oceano... e a própria atitude dela frente aos soldados, de autoridade. O ar de decepção dos soldados no sexto quadrinho pode ser compreendido como o reflexo da desaprovação por parte deles e de boa parte da população mundial a respeito desta guerra. Quando Mafalda diz a eles passarem o recado aos seus respectivos presidentes reflete que eles não estão lá por própria vontade, mas por determinação de seus “líderes”.

A simplicidade e ao mesmo tempo a percepção dela frente à questão do acordo entre os dois lados do conflito reflete a leitura crítica de toda a lógica das relações de poder estabelecida durante a Guerra Fria e a qualquer outra situação correspondente (Guerra do Iraque em 2003, por exemplo): quando diz que se o acordo depender de uma caneta, não há problema, pois ela empresta a dela, como se as negociações dependessem realmente disso, aliás, segundo ela, dependeria somente disso caso fosse realmente a vontade de seus líderes e eles realmente se preocupassem com as reais vontades e necessidades da população, tanto de seus países quanto de toda a população mundial, uma vez que o mundo se mobilizava pelo fim desta guerra, sobretudo pela população norte-americana.

2.1.5 ONU



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 46)



(QUINO. Toda Mafalda, 2008:106)

As Nações Unidas (ONU) foram criadas em 1945 como instrumento para assegurar a paz no mundo, para valer o Direito Público Internacional, promover a cooperação internacional e proteger os direitos humanos.

(HOFMEISTER, 2005)

...entre suas principais funções estava a de constituir um fórum de convivência pública entre as duas superpotências...vivendo momentos de rivalidade e confrontação, mas também de cooperação. ... a ONU, no período da Guerra Fria, manteve-se essencialmente a serviço da mútua contenção das superpotências.

(ALBUQUERQUE, 1995)

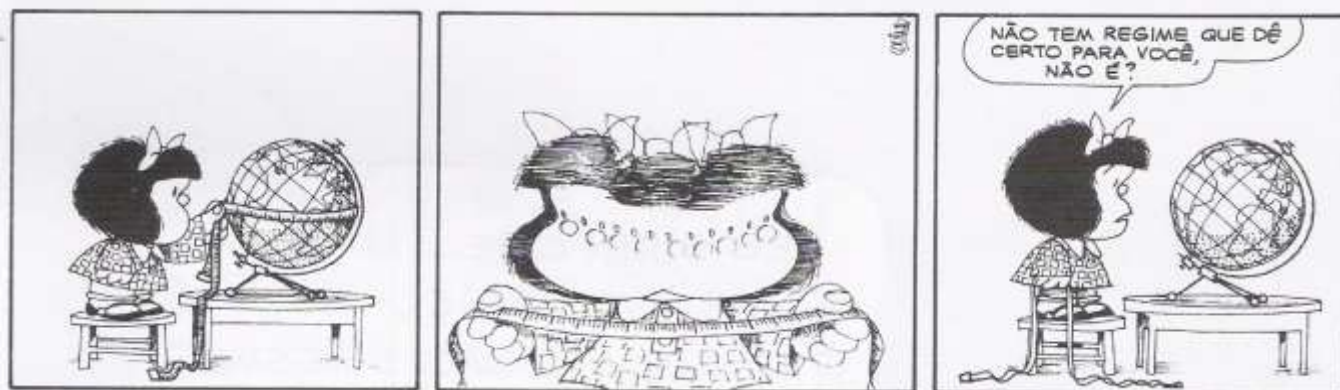
A ONU (Organização das Nações Unidas), que deveria ser o local de negociações por excelência, acabou transformando-se numa arena de lutas políticas entre norte-americanos e soviéticos, sendo que praticamente todas as monções apresentadas pelos soviéticos eram fechadas pelos norte-americanos e vice-versa.

A ONU nasce oficialmente em 1945, após a assinatura da Carta das Nações Unidas assumida por 51 países, entre eles EUA e URSS. Ainda segundo ALBUQUERQUE (1995), “a resultante geral da mútua contenção era a estabilidade das relações internacionais e, particularmente, do equilíbrio de poder existente entre as duas superpotências”.

Nestes dois quadrinhos Mafalda expõe o desejo de ser interprete da ONU. Isso, quando imagina-se em uma conferencia da ONU (4º quadrinho da 1ª tirinha), contribuiria para a paz e o possível fim da Guerra Fria, já que poderia interferir na tradução (como ela imagina se um dia isso pudesse vir a acontecer), amenizando o clima hostil entre as duas superpotências em confronto. Porém, isso não a deixa muito segura: o fato de ter que aprender um pouco de judô expõe que não bastará interpretar as falas de maneira que conduza à pacificação, uma vez que a postura dos “delegados” assume um caráter agressivo, tanto por palavras como por atitudes no interior da reunião quanto fora dela. Isso é uma expressão do que BIAGI expõe, ao falar que a ONU serviu de palco de disputas políticas, onde o jogo de interesses de cada potência configurava as determinações das reuniões promovidas entre ambas. Do mesmo modo que ALBUQUERQUE (1995) afirma que a ONU servia muito mais como um pacificador entre os interesses de ambas as potências, buscando o equilíbrio do poder, evitando assim uma possível deflagração de uma guerra armada entre a URSS e os EUA – o que teria consequências desastrosas. É justamente esse temor de uma possível 3ª Guerra Mundial que Mafalda impõe ao globo terrestre a promessa de “durar” até ela crescer e poder tornar-se intérprete e realizar seu desejo, isto é, ela só poderá ser propulsora da paz se o mundo existir até ela crescer, simbolizando que o temor de uma nova guerra mundial era eminente.

Mafalda deposita na ONU toda a responsabilidade pela paz, mas também tem a consciência que ela é palco de inúmeros desencontros e desacordos entre os países membros, mais especificamente entre as duas superpotências da época. Isso é representado em vários outros quadrinhos, principalmente quando ela compara a briga corrente entre Manolito e Susanita com a briga entre URSS e EUA nas reuniões da ONU.

2.1.6 A Lógica Estrutural



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 146)

Quino, neste quadrinho, faz uma metáfora com a idéia de regime: obviamente não tem como a Terra emagrecer. Com esta brincadeira, a Mafalda mostra-se desapontada, pois a lógica do regime que expõe se refere à disputa entre dois regimes político-econômicos antagônicos que configuram a ordenação política, econômica, social e cultural do mundo, ou seja, a disputa entre o Regime Capitalista e o Regime Socialista. Seu desapontamento expressa a idéia de que nenhum dos dois poderá suprir as reais necessidades do mundo: “não tem regime que dê certo pra você, não é?”

2.2 A atualidade da Mafalda

2.2.1 A Organização Social



(QUINO. Toda Mafalda, 2008:323)

Este quadrinho é um exemplo da geograficidade de Mafalda: a leitura que ela faz sobre a democracia. Ao ler o significado de democracia que está no dicionário e posteriormente não conseguir parar de rir, expressa qual a relação que ela estabelece entre o que está escrito no dicionário e o que ela vivencia em seu dia-a-dia. Ela encara essa leitura como uma piada, já que o que está escrito no dicionário como o significado da palavra democracia não condiz com sua realidade: o mundo está em plena Guerra Fria e a América Latina, em especial a Argentina (sua “pátria”), em plena ditadura militar.

Ela sabe e expressa através de inúmeros quadrinhos que as relações de poder intrínsecas nas suas vivências ou que lê e vê na mídia caracterizam a verdadeira soberania: o povo não exerce soberania, mas sim um pequeno grupo de pessoas, sejam eles o Estado ou as Empresas (daí a atualidade desta questão posta por Quino). O povo é condicionado a exercer ações que legitimam e reproduzam a soberania destes grupos.



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 169)

Este quadrinho e o anterior somam-se em relação ao olhar pessimista de Mafalda frente aos acontecimentos que são expressos pela mídia. Na primeira seqüência deste quadrinho, Mafalda fica indignada com a persistência do inseto em querer sair para um mundo em que, segundo ela, está um caos: a leitura das manchetes expõe o caos em que se encontra o mundo "lá fora". Ainda observando a insistência do inseto, ela compara esta insistência à situação em que a humanidade se encontra. Em uma leitura geográfica, Mafalda analisa de que forma a humanidade está dependente, ou melhor, é condicionada pelos "*fatores de poder*". Em mais uma metáfora, Quino brinca com o vidro como um bloqueador. O vidro que impede o inseto de "avançar e ser livre", isto é, de avançar para um espaço em que ele é que determina para onde quer ir e de que modo, sem barreiras impostas que o impeça de seguir em frente, é o mesmo "vidro" que impede a humanidade de também "avançar e ser livre"; "não é bem um vidro", mas é como se fosse, uma vez que o vidro é para o inseto o que os "fatores de poder" é para a humanidade: algo estático, duro e intransponível, mas transparente.

Os fatores de poder que Mafalda coloca como o grande empecilho ao avanço da humanidade pode ser entendido como o jogo de poder entre aqueles que

detêm em mãos as condições “essenciais” que conduzem a vida da sociedade. Se, no contexto histórico que Mafalda foi escrita os fatores do poder figuravam entre duas superpotências através da disputa por áreas de influência e domínio, sendo as “condições essenciais” o status e domínio territorial; atualmente, em uma sociedade capitalista, as condições essenciais são o controle sobre as riquezas, o capital, ou melhor, sobre os recursos: naturais, populacionais (trabalho) e territoriais geradores de riqueza, capital. Tanto o Estado como as grandes empresas que detêm em mãos toda ou boa parte destes recursos direcionam toda a sociedade para a reprodução dos mesmos, com o objetivo de manutenção de seu status de Estado e Empresa, isto é, da manutenção de poder, de domínio. A estaticidade, a dureza e a intransponibilidade da barreira imposta pelos fatores de poder é imposta através das ações e medidas ideológicas necessárias a essa reprodução. Estes fatores de poder impedem a sociedade de “avançar e ser livre”, pois limitam, como o vidro, a liberdade.

A liberdade, neste sentido, inscreve-se no contexto de uma humanidade livre que qualquer exploração e/ou domínio de uma sociedade, Estado, Grupo de pessoas (jurídica ou não) sobre os demais. Livre para reconstruir-se e reproduzir-se geograficamente e historicamente como suas necessidades lhe direcionar, e não as necessidades alheias.¹¹ A liberdade é visível, perceptível. O que está além do vidro (que é transparente) também o é. Porém o vidro impede que alcancemos o que está além dele, assim como os fatores de poder e principalmente os mecanismos ideológicos impedem que alcancemos essa liberdade.

¹¹ Claude Raffestin, em sua obra “Por uma Geografia do Poder” (1993) traz uma reflexão sobre a leitura geográfica como uma leitura das relações de poder. Afirma: “Uma verdadeira geografia só pode ser uma geografia do poder ou dos poderes”. Faz a distinção entre Poder e poder. Poder (com letra maiúscula) refere-se à sujeição dos cidadãos a um Estado determinado; poder (com letra minúscula) refere-se às relações de força (Foucault), intrínseca a toda relação e que se manifesta por meio dela, sem estar explícito. Nesta análise, Mafalda expõe os dois tipos de compreensão da palavra PODER, tanto a do Estado quanto a intrínseca.



(QUINO. Toda Mafalda, 2008:116)

As armas nucleares no momento histórico que Mafalda vive era uma ameaça constante e que amedrontava todo o mundo, uma vez que as duas potências da época disputavam não só áreas de influência, mas também o poder sobre as técnicas bélicas. A confirmação de que ambas tinham armas nucleares e a constante tensão entre ambas levavam o mundo a especular a possível utilização por ambas desta arma de destruição em massa. Muitos estudiosos da Guerra Fria, entre eles Hobsbawm, afirmam que a contestação de que esse uso poderia acarretar o fim do planeta foi o que ponderou o ataque direto (guerra armada) entre essas duas potências.

Mesmo após o fim da Guerra Fria essa ameaça ainda está presente, sob uma nova configuração das relações internacionais. Os EUA e a Rússia ainda possuem armas nucleares sob seu domínio e outros países como Paquistão, Coreia do Norte e Irã afirmam e fazem testes com armamento nuclear. A tensão política existente entre os EUA e os países asiáticos, sobretudo com o Irã e Paquistão, torna o uso dessas armas possíveis, principalmente após os ataques de 11 de Setembro de 2001, em que os EUA sofreu o maior ataque terrorista de sua história. A possibilidade de essas armas caírem nas mãos de grupos extremistas e terroristas configura esse novo temor do uso dessas armas.

A colocação que Mafalda faz em seu último quadrinho pode ser analisada não só sob a ótica do uso das armas nucleares, mas também do próprio domínio que as relações de poder exercem sobre a humanidade (conforme análise do quadrinho anterior). Seria bom acordar um dia e saber que vida independe dos fatores externos, mas que dependem somente das vontades e desejos próprios, das reais necessidades internas.



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 197)

No meu entender, um princípio radical para realizar a cronologia da evolução da técnica é o de atentar para a própria relação entre o homem e sua técnica ou, em outras palavras, atentar para a idéia de que o homem foi se formando sobre sua técnica, não sobre uma ou outra técnica determinadas, mas sobre a função técnica em geral.

(ORTEGA Y GASSET, 1991)

Apesar do enorme salto que a humanidade alcançou em relação às técnicas, avançando e tornando mais ágil e precisa a utilização dos recursos oferecidos pelo meio com o objetivo de suprir suas (novas) necessidades, tornando a relação entre homem e o meio mais dinâmica e funcional, o uso destas técnicas é objeto de desapontamento de Mafalda.

O famoso pensamento de Maquiavel "*Os fins justificam os meios*"¹² pode ser encarado como uma linha de pensamento adotado por Mafalda para expressar seu desapontamento: apesar de toda essa evolução e, citando ORTEGA Y GASSET, sendo a própria técnica algo intrínseco ao homem, os fins alcançados pelo desenvolvimento das técnicas muitas vezes torna uma maldição, algo ruim para a própria humanidade. O homem que desenvolveu a técnica da pólvora certamente não a fez para a criação de armas que ferem ou eliminam a vida humana, assim como outro grande cientista que desenvolveu a técnica nuclear não a fez com intenção de criar armas de destruição em massa.

¹² Pensamento desenvolvido na obra: "O Príncipe". (ver nas Referencias Bibliográficas Francisco C. WEFFORT)

A grande questão é justamente a intencionalidade da utilização das técnicas desenvolvidas para outros fins que não o original. Para muitos era preciso o uso das armas nucleares (fins) para saber até que ponto essa tecnologia pode ser desenvolvida (meios) e para que outros fins. Para ficar reduzida a estes exemplos, a leitura deste quadrinho nos remete a analisar que até que ponto a evolução das técnicas (e, portanto, do próprio homem) trouxe à humanidade verdadeiras satisfações, aliás, a que satisfações essa evolução vem a atender.

2.2.2 Oriente Médio

Esse sentimento árabe provém da história comum através do Islã: por onde passavam fundaram colônias, às quais impunham seu idioma, sua consciência espacial e sua religião. Através de uma sucessiva fusão cultural, uma nova nação e grande nação nasceu.

(SILVA, 2003: 108)

...os conflitos no Oriente Médio, incluindo a guerra entre árabes e israelenses, não são provocados por questões étnicas, religiosas, culturais...

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, a região passou a ser alvo da disputa entre as potências que dividiram o mundo em “áreas de influências” ...finalmente, com o Fim da Guerra Fria, os senhores de Washington passaram a ter a palavra final na região, devidamente auxiliados por alguns aliados incondicionais, em particular o Estado de Israel e a monarquia saudita.

Os povos do Oriente Médio foram a grande vítima desse jogo. Isso inclui, obviamente, o povo judeu, mas não numa relação simétrica ou equivalente. Dados os interesses políticos dos Estados Unidos, o Estado de Israel goza de uma proteção militar e econômica absoluta...Os palestinos, em contrapartida, lutam com paus e pedras contra ocupantes israelenses, que, ignorando solenemente todas as resoluções da ONU, mantêm a ocupação na Cisjordânia, o controle militar sobre a Faixa de Gaza e não cessa a construção de novos assentamentos em áreas palestinas.

(JOSÉ ARBEX, 2009)

A questão árabe-israelense, como bem coloca ARBEX (2009), é uma mescla de questões políticas, religiosa e étnica. Antes mesmo da Conferência de San Remo, na década de 1920, a Inglaterra torna-se a precursora da idéia da criação de um *lar judeu* na região que abriga o berço das três maiores religiões do mundo, devido à forte influência que o movimento sionista exercia no governo britânico além do próprio interesse britânico na rota para as Índias pela rota marítima de Suez (SILVA, 2003).

A Palestina desconhecia os caminhos explosivos que tomaria tamanha sucessão de arranjos e acordos não cumpridos: declarações

irresponsáveis das mais variadas lideranças, o sectarismo e a ingenuidade árabes, somados à habilidades política dos líderes do movimento sionista estariam estabelecendo o destino territorial daqueles povos.

(SILVA, 2003:133)

SILVA ainda afirma que a Inglaterra não cogitava a criação de um Estado Judeu na região da Palestina, fato que ia em desencontro aos interesses sionistas. Com o avançar das perseguições nazistas na Europa a imigração sionista para esta região cresceu significativamente, acirrando os conflitos entre judeus e a população autóctone que vivia na região. Com essa situação, a população árabe passou a apoiar a população palestina contra o sionismo.

Essa situação somada aos desdobramentos da Segunda Grande Guerra, com uma ordenação bipolar do mundo, fez a Inglaterra perder força nas diretrizes da região, cabendo à recém criada ONU o destino da mesma. A forte pressão que a potencia capitalista para a criação de um Estado Judeu (fator de interesse geopolítico na região), e a pressão internacional para o mesmo fim devido à comoção mundial frente às atrocidades cometidas aos judeus durante a segunda guerra, levaram a ONU, em 1947, à partilha da região em dois Estados, partilha esta que deu ao povo judeu o Estado que tanto almejavam, tendo este ocupado cerca de 56% do território palestino. Porém, as crescentes investidas e ocupação por parte judia em áreas destinada à população palestina, ou seja, o expansionismo sionista na região, levando milhões de palestinos ao exílio, usurpando seu território, acaba por acirrar cada vez mais o conflito armado entre essas populações, aguçadas por questões de identidades étnicas e religiosas diretamente ligadas à região em disputa.

Eis um fator que tornou a questão árabe-israelense, ainda hoje, em pleno século XXI, embalado por conflitos violentos. A reorganização político-territorial de todo o oriente médio, fortemente influenciada por investidas internacionais, quebrou o ideário de uma nação árabe única: impôs à região um redesenho territorial que levou à criação de pequenos estados e principalmente, à introdução de uma outra civilização na região onde antes (por cerca de dois mil anos) era ocupada por árabes palestinos. Civilização essa não só de costumes, cultura e religião diferente, mas,

sobretudo com um ideário expansionista que tem o apoio e o respaldo político e militar da potencia mundial, os EUA,

É na conjuntura que podemos analisar a atualidade do discurso da Mafalda nos quadrinhos que segue:



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 201)



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 270)

No primeiro quadrinho Mafalda questiona sua mãe sobre a origem e identidade dos três reis magos. O fato de serem do Oriente Médio leva a Mafalda a querer saber se são árabes ou israelitas, as duas maiores etnias da região que estão em intenso e constante conflito: na “ingenuidade” de Mafalda, como poderia os três saírem “ilesos” desta região que está constantemente em conflito? Ou pode-se compreender esse questionamento de Mafalda pela missão dos três reis magos, que seria presentear o nascimento do “novo messias”, segundo os escritos cristãos: como poderia três pessoas serem árabes ou israelenses ir presentear uma pessoa de outra etnia ou religião?

O segundo quadrinho apresenta a continuidade e constância dos conflitos entre árabes (os palestinos) e israelenses. Encara-se o conflito como esporte

justamente pelo fato dos choques, embates diretos entre ambos ocorrer de forma corriqueira, constante: “a essa altura” Mafalda acha que é um esporte – “essa altura” expressa esse caráter corriqueiro dos choques. O esporte é uma competição. Nesta “competição” há duas “equipes” disputando a posse e domínio territorial de uma região; porém nesta competição não existe a possibilidade do empate: o jogo só terminará quando houver um ganhador.

Estes quadrinhos demonstram de que forma a questão árabe-israelense era (e ainda é) transmitida às pessoas, sobretudo pela mídia: a inexistência ou impossibilidade de acordo entre ambos. Porém, como levanta ARBEX: “há judeus israelenses que lutam por uma paz justa com os palestinos, e á árabes palestinos que colaboram com os invasores e ocupantes israelenses” (Arbex, 2009). Isso é mais um fator que prova que essa questão é muito mais política e econômica (petróleo e armas) do que étnica ou religiosa encabeçada pelos interesses de alguns em detrimento do massacre de muitos. Encarar essa questão como algo impossível de se solucionar, pronunciado e legitimado através do discurso midiático, atende aos interesses daqueles que veem alguma vantagem nesta disputa.

2.2.3 O Mundo Doente



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 77)



(QUINO. Toda Mafalda, 2008:74)

Esses dois quadrinhos ganham uma dimensão de análise muito ampla: política, econômica, social ou mesmo ambiental. Justamente por essa questão que eles podem ser analisados nos panoramas atuais.

Na época em que foi escrito, pode-se analisá-los pela perspectiva da instabilidade política e militar do contexto da Guerra Fria. O mundo doente, com dor na Ásia: Guerra do Vietnã e disputa armada pelo domínio territorial no Oriente Médio (além de outros conflitos); e com “um comunismo galopante”: o avanço da influência comunista pelo mundo provocando um aumento significativo de áreas com possibilidade de disputa armada para impedir ou bloquear tal avanço.

Porém, pode-se transpor essa análise para o contexto atual devido às novas instabilidades que atingem o mundo. O que virá, o futuro, configuram as novas ameaças ou medos que deixam o mundo “doente”, frágil.

Desconsiderando as duas últimas tiras da página anterior, essa análise figura-se em relação ao processo de redefinições da organização econômica e política em escala global: a crise econômica que atingiu e abalou as estruturas econômicas dos países que configuravam as dimensões econômicas mundiais, levando ao processo atual de redefinições dos *fatores de poder*, acrescentada (consequência ou causa) ao novo caráter governamental dos EUA com a eleição de Barack Obama (primeiro presidente negro dos EUA) e à nova cúpula dos países que configuram os fatores de poder na atualidade, deixando de ser oito (G-8: grupo dos oito países mais ricos do mundo) passando a ser vinte (G-20: grupo dos vinte países, sendo os 8 mais ricos mais os 12 emergentes); e, o que caberia de uma forma mais concreta a esta análise, a questão ambiental.

O mundo está doente, reclamando das ações humanas desastrosas que está sugando os recursos que o mundo oferece em um ritmo que este mesmo mundo não consegue repor, além de criar outras tantas coisas que ele desconhecia e, por este motivo, não consegue transformar em algo que lhe possa servir, isto é, a humanidade tem criado coisas que não cabe na lógica natural de funcionamento e regulação natural para a permanência da existência do mesmo em condições normais: lixo, poluição em todos os níveis, alteração das regularidades climáticas, o buraco na camada de ozônio, alteração do ciclo hídrico natural, etc., processos esses que, apesar de não pertencerem à lógica funcional e reguladora do mundo, são causa e consequência um do outro.



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 315)

Este quadrinho vem a acrescentar o que estava sendo discutido: o espaço comum de vivência das pessoas, o ambiente socialmente ocupado, construído e vivenciado por pessoas, isto é, o espaço público, seja ele a praia, a cidade ou o campo, tem sofrido ou sendo palco contínuo destas ações que acabam por adoecer o mundo.

No segundo quadrinho percebe-se o ar de desapontamento de toda a família ao mesmo tempo em que ao fundo uma mulher, conversando, joga mais uma sujeira dentre as tantas outras existentes.

Como não poderia deixar de fazer, Mafalda dá um caráter político à análise destas ações: se a praia faz parte da pátria, ou seja, de seu país, como pode as pessoas que constroem essa pátria e lutam para apagar ou limpar os erros do

passado histórico, manter tão sujo o espaço em que convivem? A paisagem¹³ do último quadrinho denuncia certa incoerência entre discurso e prática. Aliás, aqui existe uma crítica em relação ao discurso e às ações práticas: à não existência de uma simetria entre o que se prega e cobra através do discurso e às ações destas mesmas pessoas que proferem esse discurso; como podem cobrar ou querer algo que suas práticas denunciavam o oposto? Por que só manter limpo o passado e não o espaço de convivência comum?

¹³ Entende-se aqui por paisagem o visível, uma representação primeira de um determinado espaço: a forma, a primeira percepção do espaço visualizado; uma categoria exclusivamente sensorial. (SANTOS, 2009)

2.3 Para finalizar

Os três quadrinhos que seguem veem para finalizar este trabalho, no sentido de analisar a configuração das estruturas organizacionais da sociedade, desde que começou a existir:



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 181)



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 312)



(QUINO. Toda Mafalda, 2008: 407)

Paz: 1. Ausência de lutas, violência ou perturbações sociais; tranquilidade pública; concórdia, harmonia.

Dicionário Aurélio

A busca pela paz é constante na história da humanidade. O mais incrível é que muitas das guerras existentes ao longo desta história vieram a figurar-se para a busca da paz de uma determinada sociedade: a guerra é uma disputa pela permanência de uma determinada configuração ou organização social, ou seja, pela paz desta sociedade. Neste sentido insere-se uma importante reflexão sobre o sentido da paz e sua importância para a humanidade.

Àqueles que edificam a “paz”, isto é, que buscam e prezam a harmonia e o bom entendimento entre todos os povos, todas as nações, todas as sociedades esbarram sempre nos interesses que cada povo, nação ou sociedade possui que nem sempre são os mesmos das demais. Esses interesses estão diretamente ou indiretamente vinculados ao espaço socialmente habitado e/ou os recursos que ele oferece. A disputa por esse interesse maior - o espaço e seus recursos - configuram uma das maiores e constantes disputas que levam à guerra; à guerra pela paz no, pelo e para o estabelecimento da sociedade neste espaço. Para tal, o homem desenvolve técnicas de manutenção e luta por esses interesses. O primeiro quadrinho simboliza essa questão.

Miguelito e o Felipe, brincando com um tanque de guerra, atingem e destrói os bloquinhos que Mafalda havia acabado de montar. A expressão “*bancar os simbólicos*” exemplifica justamente a questão de que todos aqueles que lutam pela paz global esbarra sempre na dicotomia de que o que é a paz para alguns pode não ser para outros: os bloquinhos da Mafalda estão no caminho do tanque de guerra de brinquedo do Miguelito e do Felipe. A construção da paz para ou por alguns esbarra sempre no espaço de interesse de outro ou outros.

Esta mesma análise serve para compor a análise dos dois outros quadrinhos, pois “mudar as estruturas” – sociais, econômicas, políticas – das sociedades, sobretudo na sociedade capitalista, esbarra e mexe nas estruturas e fatores de poder que mantêm os interesses de alguns assegurados. “Remendar as peças” faz-se então necessário para que esses interesses mantenham-se assegurados sem nenhuma interferência externa.

E, posto isso, dentre toda a análise interpretativa dos quadrinhos aqui expostos, pode-se resumir que todas as iniciativas da Mafalda na crítica, nos questionamentos e conclusões sobre os homens-no-espaço, sobre os *homens-*

socialmente-organizado-no-espaco, sendo esse espaco o palco e motivo de atuações e disputas dos fatores de poder, busca compreender o que ela expõe no “erro” do dicionário: não importa mais saber da onde vem o mundo, mas sim pra onde vai; qual o seu futuro? Que mundo é esse e até onde vai este mundo no formato-ações-consequências destes homens-socialmente-organizados-no-espaco, ou melhor, nos diferentes espacos que produzem a partir da organização (política, social, econômica, cultural) que estabelecem entre si e com o meio em que vivem?

3.0 Por uma formação cidadã: A geograficidade de Mafalda e o ensino de Geografia



(QUINO.Toda Mafalda, 2008: 71)

O aluno é um ser histórico que traz consigo e em si uma história, e um conhecimento adquirido na sua própria vivência.

(CALLAI, 2001: 136)

Os próprios conteúdos trabalhados deverão ter uma tríplice função, qual seja, resgatar o conhecimento produzido cientificamente, reconhecer e valorizar o conhecimento que cada um traz junto consigo, como resultado de sua própria vida, e dando um sentido social para este saber que resulta. Os conteúdos de Geografia, que são *estudar o mundo, as configurações territoriais, a organização do espaço e a sua apropriação pelos diversos povos, as lutas para tal, os interesses políticos e as formas de tratar a natureza*, se põem como conteúdos que permitem e podem envolver os três itens acima colocados para uma educação para a cidadania. Esta é, em última análise, o comprometimento com a construção de uma análise de uma sociedade melhor, conhecendo a realidade, compreendendo os mecanismos que a sociedade utiliza, reconhecendo no território a sua história e as possibilidades de mudança.

(CALLAI, 2001: 137 grifo nosso)

Muitos trabalhos têm sido produzidos sobre a educação escolar: teorias, práticas, metodologias e concepções. A geografia, ou melhor, o ensino de geografia na educação básica nas últimas décadas também têm sido palco de inúmeras reflexões. Atentemos aqui para a geografia escolar.

A busca constante por uma geografia escolar menos descritiva e quantitativa, que CALLAI (2001), ao citar LACOSTE, afirma ter sido uma geografia escolar produtora de um saber inútil, que descreve lugares, enumera informações, sem dar-lhes o significado que realmente possuem, e mais real e atuante, mais próxima da realidade do aluno, tem como um dos objetivos levar o aluno a compreender e praticar leituras e ações que partam de sua realidade, pela sua realidade e para a sua realidade, ou seja, uma geografia escolar por e para uma formação cidadã.

CALLAI (2001), referente a esta questão, afirma que a Geografia enquanto componente curricular da educação básica tem o objetivo de contribuir para a formação do cidadão:

um cidadão que reconheça o mundo em que vive, que se compreenda como indivíduo social capaz de construir sua história, a sua sociedade, o seu espaço, e que consiga ter os mecanismos e os instrumentos para tanto.

(...)

Não se tem como objetivo [a educação] ajustar o indivíduo ao meio em que vive. Mas é preciso conhecer este meio, exercitar a crítica sobre o que acontece e reconhecer possibilidades alternativas para os objetivos que se quer alcançar.

CAVALCANTI (1998) corrobora ao afirmar:

o ensino de geografia deve visar o desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do aluno do ponto de vista da sua espacialidade. Isso porque se tem a convicção de que a prática da cidadania, sobretudo nesta virada do século, requer uma consciência espacial.

Reconhecimento de sua realidade, do mundo em que vive, de sua espacialidade para uma prática cidadã é, então, o objetivo mais imediato do ensino de geografia na educação básica. Nesse sentido, a Mafalda torna-se um exemplo mais propício para a reflexão até aqui exercida.

Mafalda é uma exceção dentro de seu perfil de criança de seis anos de idade que está iniciando sua vida escolar. Ela, dentro dessa reflexão, é o objetivo

dessa educação concretizado, isto é, a Mafalda, antes mesmo de começar a freqüentar a escola, já estabelece uma leitura crítica da condição social e política da humanidade e, mesmo após começar a freqüentar a escola, começa a fazer crítica à própria situação ou função escolar¹⁴.

No quadrinho que inicia este capítulo expressa justamente essa crítica que Mafalda faz à escola, ao processo de ensino-aprendizagem. Na hierarquia social e, sobretudo na hierarquia escolar tradicional (que se verifica na escola que Mafalda freqüenta), a criança é aquela que aprende; um ser a-social, a-histórico, que deve ser moldada, através da escola, para tornar-se um ser social.

Porém, Mafalda traz consigo uma bagagem de dúvidas e questionamentos levantados a partir da leitura que faz do seu mundo, da realidade que a cerca, que necessitam ser respondidas, compreendidas. Como afirmou CALLAI (2001), ela traz consigo uma história, um conhecimento adquirido através de sua vivência. Claro que a Mafalda é uma exceção, como já dito, pois as análises e leituras que traz consigo e que constrói são muito sofisticadas e com certo grau de maturidade para o perfil cognitivo de uma menina de seis anos de idade. Mas, ao mesmo tempo, expressa quais são realmente os seres que realmente freqüentam a escola: são seres históricos, sociais, culturais, que trazem consigo toda uma leitura e construção da vida que teve até aquele momento e que continuam tendo ao longo da vida escolar.

Claro que para ter eficácia e não ultrapassar o limite intelectual dos alunos, o processo de ensino-aprendizagem deve considerar seu nível cognitivo: “a matéria de ensino deve organizar-se de modo que seja didaticamente assimilável pelos alunos, conforme idade, nível de desenvolvimento mental, condições prévias de aprendizagem e condições socioculturais”. (CAVALCANTI, 1991)

Em todos os quadrinhos analisados neste trabalho e em todos os demais publicados por Quino, percebe-se que Mafalda traz em suas análises e questionamentos uma leitura dos conteúdos que, segundo CALLAI (2001), são próprios da geografia escolar, quais sejam: *estudar o mundo, as configurações territoriais, a organização do espaço e a sua apropriação pelos diversos povos, as lutas para tal, os interesses*

¹⁴ É interessante perceber que há na Mafalda, na sua pré-fase escolar, uma esperança de que na escola ela irá ter respostas frente às suas dúvidas e angústias sobre as mazelas do mundo. Porém, durante a sua vivência escolar, percebe que a escola não é aquilo que esperava: é vazia de sentido e significado em relação àquilo que esperava, como pode ser verificado no quadrinho que se inicia este capítulo.

políticos e as formas de tratar a natureza, que são fundamentais para dar base e sustentação à prática cidadã. A geograficidade produzida por Mafalda corresponde à leitura espacial dos fenômenos (sobretudo políticos) que a cerca e incomoda.

É possível perceber, sobretudo nos quadrinhos aqui escolhidos e analisados, que a todo o momento a Mafalda localiza, espacializa suas indagações, suas leituras dos acontecimentos políticos que a cerca: as configurações do mundo bipolar, a dimensão territorial da atuação da ONU, as guerras por domínio territorial (Vietnã, Israel e Palestina), a diversas situações que o mundo (o globo) está sujeito devido às ações humanas, etc.

Nesse sentido, Mafalda pode ser considerada um primeiro estágio da formação para a cidadania: os questionamentos e indagações que traz a partir de sua geograficidade, da leitura de que mundo é esse e até onde vai este mundo no formato-ações-consequências destes homens-socialmente-organizados-no-espço. Um primeiro estágio porque Mafalda não tem e não dá uma resposta às suas indagações e questionamentos, mas o próprio movimento de leitura e levantamento dessas indagações e questionamentos é um primeiro passo para a compreensão dos mesmos, uma vez que feita essa leitura, tem-se uma consciência espacial dos fenômenos, configurações e acontecimentos destes, de que eles existem e existem espacialmente, concretamente.

O estágio seguinte seria o levantamento das possibilidades de mudança e de que forma essas mudanças poderiam ocorrer para uma melhor convivência entre os homens e destes com o meio em que vive, nas diferentes possibilidades de sociedade e de vida:

Em termos mais concretos, os estudantes deveriam aprender não apenas a avaliar a sociedade de acordo com suas próprias pretensões, mas devem também ser ensinados a pensar e agir de formas que tenham a ver com diferentes possibilidades da sociedade e diferentes modos de vida.

(GIROUX, 1986 apud CALLAI, 2001).

Dessa forma, pensando na geografia escolar e nas aulas de geografia, no conhecimento que deve ser construído dialeticamente entre educandos e educadores na perspectiva geográfica, a Mafalda representaria o aluno que se deve

suscitar, que deve ser instigado a aparecer, a se expressar para que juntos, no processo de ensino-aprendizagem mútuo (educandos e educadores) construa-se uma prática cidadã, uma geografia cidadã, uma geografia que contribua para a construção de uma sociedade melhor, partindo prioritariamente da realidade direta dos alunos, do seu cotidiano, do seu território, seu município e assim transpor para a compreensão e atuação do mais geral, global.

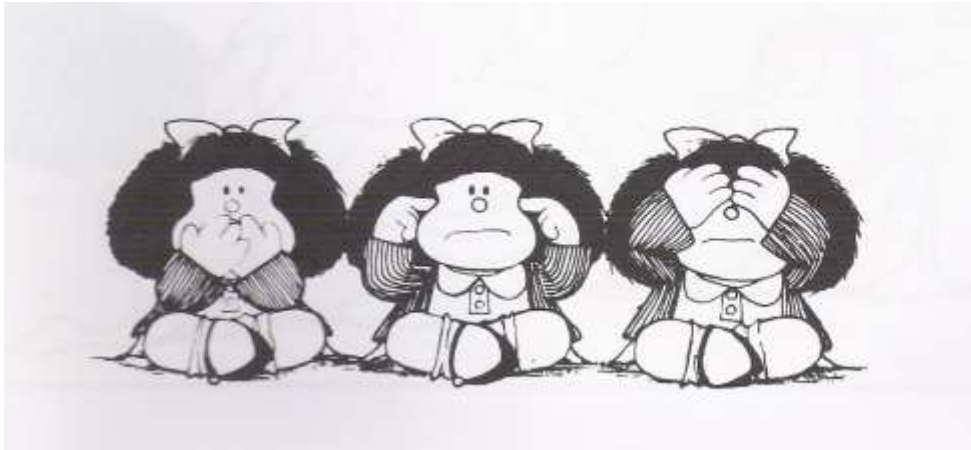
A Mafalda nos traz também outra possibilidade: os seus quadrinhos como um instrumento, uma ferramenta, uma nova metodologia de ensino no cotidiano da sala de aula. Os quadrinhos da Mafalda muito tem a contribuir para a construção da compreensão dos conteúdos próprios da geografia escolar, dentre eles os já citados. Utilizar os quadrinhos da Mafalda como um recurso didático, um auxílio ao trabalho mútuo na compreensão desses conteúdos viria a ser uma maneira de auxiliar o educador no processo de ensino-aprendizagem, trabalhando com uma ferramenta que aparentemente é lúdica e cômica, mas que traz consigo todo um processo reflexivo da realidade do personagem-autor que fez e ainda faz parte da realidade de todos, como se procurou entender em todo o desenvolvimento do capítulo 2 deste trabalho.

O conhecimento não é o fim, a finalidade do processo de ensino-aprendizagem, mas o intermediador do diálogo entre os que aprendem.

(CALLAI, 2001: 146)

4.0 Considerações Finais

Iniciei este trabalho com uma epígrafe quadrinística que simboliza tudo o que pretendi expressar ao longo deste trabalho:



(Quino. Toda Mafalda, 2008: 411)

O livro “Toda Mafalda” que reúne todas as tiras da Mafalda produzidas por Quino, tem como último quadrinho o acima exposto. Este acaba por expressar tudo o que Mafalda não é frente a todas as questões que a incomodou e, dentre elas, algumas que aqui foram expostas para fazer o diálogo entre essas questões e o exercício de uma geograficidade: ela não se calou, não se negou a ouvir e muito menos olhar e enxergar o mundo que a ela se apresentava.

Realizar este trabalho trouxe-me à compreensão de que não estou finalizando um processo, mas sim abrindo outras inúmeras possibilidades de estudo e compreensão daquilo que pretendo construir como uma geógrafa, mais ainda, como uma geógrafa educadora-educadora geógrafa.

Pretendo dar continuidade ao estudo aqui proposto. O que tentei produzir aqui é apenas a ponta do iceberg de possibilidades de leituras que os quadrinhos da Mafalda traz.

Termino este trabalho, este pequeno ensaio, agradecendo a oportunidade de ter encontrado essa caricatura do que pretendo ser e do que pretendo levar meus futuros alunos a serem: leitores, produtores, criadores de *um* mundo para todos. Assim como a Mafalda sou esperançosa em relação ao que o mundo pode vir a ser

após uma reestruturação do modo e modelo dos homens-socialmente-organizados-no-espço.

QUIS

MUDAR TUDO

MUDEI TUDO

AGORA PÓS TUDO

EXTUDO

MUDO

Augusto de Campos

5.0 Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. *Dossiê ONU e a Paz: a ONU e a nova ordem mundial*. Estudos Avançados, v. 9, n. 25. São Paulo: Set/Dec, 1995.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000300013; acesso em Outubro/2009

ARBEX, José. *Imperialismo – e não “raça”, “religião” ou “etnia” – produz a guerra no Oriente Médio*. Editorial da revista PUCVIVA. Ano 10, n. 34, Janeiro a Abril de 2009, p. 3

BARBA, Mariana Della. *Mafalda, a pequena notável*. Artigo de jornal online: 04/07/2009. Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com/2009/07/mafalda-pequena-notavel.html>; acesso em Agosto/2009

BIAGI, Orivaldo Leme. *O imaginário da Guerra Fria*. Revista de História Regional 6(1):61-111, Verão 2001. Disponível em: http://www.eventos.uepg.br/ojs2_revistas/index.php?journal=rhr&page=article&op=viewPDFInterstitial&path%5B%5D=47&path%5B%5D=105; acesso em Agosto/2009

CALLAI, Helena Copetti. *A Geografia e a escola: Muda a Geografia? Muda o Ensino?* Terra Livre – AGB. São Paulo, nº 16, 1º semestre 2001, p. 133-152

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas-SP: Papirus, 1998

COSTA, Wanderley Messias. *Geografia Política e Geopolítica*. São Paulo: Edusp, 1992

FELDBERG, Samuel. 2009 – *Nova realidade no Oriente Médio?* Revista PUCVIVA. Ano 10, n. 34, Janeiro a Abril de 2009, p. 40-43

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Folha de S.Paulo/Editora Nova Fronteira, 1994/1995

GALVÃO, Gabriela Hazin. *Histórias em quadrinhos: Análise das histórias em quadrinhos da Mafalda e sua turma*. Portal estudos de Mídia. Sem data. Disponível em: www.uff.br/portalmidia/polifonia/historiasemquadrinhos.pdf; acesso em Julho/2009

GOTTLIEB, Liana. *Mafalda vai à escola*. São Paulo: Iglu: Núcleo de Comunicação e Educação: CCAECA-USP, 1996

HAESBARERT, Rogerio. *Nossos Clássicos: La Blache, Ratzel e a “Geografia Política”*. GEOgraphia, vol 4, nº 7, 2002. Disponível em:

www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/80; acesso em Agosto/2009

HEIN, Leslie Lothar. *Guerra Fria: conceitos e problemas*. Texto que compõe a série “Grandes Pensadores” do Núcleo de Estudos Contemporâneos do Departamento de História da Universidade federal Fluminense (UFF). Sem data. Disponível em: www.historia.uff.br/nec/sites/defacult/files/text10.pdf; acesso em Agosto/2009

HOBBSBAWN, Eric John Ernest. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

HOFMEISTER, Wilhelm. Apresentação. In: *Reformas na ONU*. Cadernos Adenauer VI. Ano VI, nº 1, 2005

LACOSTE, Yves. *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988

LIMA, Márcia Helena de; VLACH, Vânia Rúbia. *Geografia Escolar: Relações e Representações da Prática Social*. Caminhos de Geografia – Revista On Line. Programa de Pós-Graduação em Geografia. UFU, 3(5), Fev\2002, p. 44-51. Disponível em: www.ig.ufu.br/revista/volume05/artigo04_vol05.pdf; Acesso em Outubro/2009

LUCCHETTI, Marcos Aurélio; LUCCHETTI, Rubens Francisco. *Histórias em Quadrinhos: uma introdução*. Revista USP, nº 16, Dez\Jan\Fev. 1992-1993. Disponível em: www.usp.br/revistausp/16/03-marcoaurelio.pdf; Acesso em Julho/2009

MOREIRA, Ruy. Ser-tões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mario de Andrade e Guimarães Rosa. In: *Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2007

MOTTA, Fernando C. Prestes. *O que é burocracia*. 4ª edição. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982

ORTEGA Y GASSET. As fases da Técnica. In: *Meditação sobre a técnica*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1991

PALMA, Hugo. Geopolítica de Ratzel, La Blache e Kjéllen e o eclodir da Grande Guerra. Disponível em: http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=373; Acesso em Agosto/2009

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2008

QUINO, *Mafalda Inédita*. Lisboa, Portugal, Publicações Dom Quixote, 1990, p. 16

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993

SANTOS, Douglas. Aula inaugural do curso de Geografia Regional do Mundo II, no curso de Geografia da PUC-SP, 2º Semestre 2009

SILVA, Edilson Adão C. *Oriente Médio: a gênese das fronteiras*. São Paulo: Zouk, 2003

VESENTINI, José Willian. O Novo Papel da Escola e do Ensino da Geografia na Época da Terceira revolução Industrial. In: *Geografia, Política e Cidadania*. Terra Livre - AGB. São Paulo, nº 11-12, agosto 92\agosto 93, p. 209-224.

VESENTINI, José Willian. 1950: *Novas geopolíticas*. São Paulo: Contexto, 2000

WEFFORT, Francisco C. (Org.). Os Clássicos da Política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, "O Federalista". 11ª ed. São Paulo: Editora Ática. V. 1., 1999

Sites Consultados:

Personagens Mafalda: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mafalda>

Site oficial Mafalda: <http://www.mafalda.net/pt/index.php>

Poema Augusto de Campos: Pós-tudo, 1984:

Disponível em: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>